

Perfil da brincadeira em uma criança com risco de diagnóstico de autismo



Rafaela Grinas Gowert (bolsista BIC/UFRGS)
Márcia Semensato (doutoranda em Psicologia - PPGPSI)
Cleonice Alves Bosa (Orientadora - PPGPSI)
Instituto de Psicologia- UFRGS



INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como uma condição complexa de déficits nas áreas de interação social e da comunicação/linguagem, além da presença de comportamentos repetitivos e estereotipados, com início antes dos 36 meses de idade (APA, 2002). Algumas crianças, como os irmãos de pessoas com TEA possuem risco aumentado para desenvolver estes transtornos, apontando para a importância da identificação precoce dos sintomas nesta população. Pesquisas demonstram que irmãos de pessoas com autismo tem: a) um risco aumentado de 10% para apresentar TEA em comparação com irmãos de indivíduos com desenvolvimento típico (Cassel et al. 2007), b) tendem a apresentar maior atraso de linguagem do que a população geral (Gamiel et al. 2007; Toth et al. 2007). A qualidade da interação social e da brincadeira são áreas importantes para investigação de indicadores precoces de TEA. De fato, há muitas evidências de dificuldades de interação social e de brincadeira simbólica como preditores de autismo (Naber et al., 2008) No entanto, há indicativos de dificuldades já na etapa da brincadeira exploratória - aspecto que tem sido menos investigado.

OBJETIVO

Comparar o perfil da brincadeira, em dois meninos: um, cujo irmão apresenta diagnóstico de autismo e outro com desenvolvimento típico. Espera-se que haja diferenças nas três modalidades de brincadeira (exploratória, funcional e simbólica), com o irmão do indivíduo com autismo, apresentando brincadeira mais limitada que a outra criança.

MÉTODO

Delineamento e Participantes

Estudo de caso (Yin, 1995) composto por dois meninos do sexo masculino (ambos com 15 meses de idade) sendo um deles irmão de um indivíduo com diagnóstico de autismo e o outro com desenvolvimento típico, sem histórico registrado de autismo na família.

Instrumentos

- Protocolo de Observação para Crianças com Suspeita de TEA – PROTEA (Bosa, 2007; Marques & Bosa, 2010)
- Para fins do presente estudo foram utilizados os itens concernentes à área II do PROTEA, que investigam a relação com os objetos-brincadeira, a saber: item 23 (manipulação-exploração, item 24 (adequação da exploração), item 25 (formas de exploração visomotora), item 26 (brincadeira funcional), item 27 (brincadeira simbólica), item 28 (tipos de objetos utilizados na brincadeira simbólica) e item 29 (sequência de tópicos na brincadeira simbólica). Quanto à frequência, a avaliação vai de **raro a muito frequente** e quanto à qualidade, esta refere-se a **abrangência/variedade e formas de exploração** (típica =comum/adequada para a idade e atípica = incomum/inadequada).

Procedimentos e Análise dos Dados

- O PROTEA foi preenchido por uma juíza cega aos objetivos do estudo e ao histórico das crianças participantes, com base em videograções. Foram examinados 20 minutos da primeira sessão de avaliação de cada uma das crianças, que foram observadas durante a brincadeira livre com um experimentador, em laboratório, na presença das mães.
- Para a análise dos dados foram consideradas tanto a frequência das brincadeiras (exploratória, funcional e simbólica) quanto a qualidade.

RESULTADOS

Tabela: Perfil da brincadeira exploratória, funcional e simbólica nas duas crianças

Tipo de brincadeira	Criança com risco para TEA	Criança com desenvolvimento típico
Exploratória Frequência	-Brincadeira frequente	- Brincadeira muito frequente
Qualidade	- Manipula poucos brinquedos (1/3 dos brinquedos disponíveis) - Forma de exploração: Alterna formas típicas e atípicas de exploração - Coordenação visomotora: presente	- Manipula muitos objetos/brinquedos - Forma de exploração: predominantemente típica - Coordenação visomotora: presente
Funcional Frequência	-Brincadeira muito frequente	- Brincadeira muito frequente
Qualidade	- Opera poucos brinquedos (1/3 dos brinquedos disponíveis)	- Opera muitos objetos/brinquedos
Simbólica Frequência	-Ausente	- Pouco frequente
Qualidade		- Episódios de brincadeira simbólica isolados, sem associação entre si e sequência definida

CONCLUSÕES

- O perfil de brincadeira exploratória da criança com risco para TEA foi mais limitada que a da criança com desenvolvimento típico, apontando para a importância investigativa da brincadeira, como possível indicador precoce de TEA. Diferenças nas demais modalidades (funcional e simbólica) também foram observadas.
- Brincadeira exploratória: foi menos frequente, menos variada e com forma de exploração atípica (e.g. gira as rodinhas do carrinho, sem interesse pelo carrinho como um todo; interessa-se pela tampa da caixa e não pelo seu conteúdo).
- Brincadeira funcional: foi menos frequente e menos variada (não aciona brinquedos mecânicos ou musicais, porém reconheceu a função da xícara). A criança com desenvolvimento típico, ao contrário, acionou diferentes brinquedos: chutou bola, fez encaixes, usou brinquedos musicais adequadamente (tambor).
- Brincadeira simbólica: não apresentou esta brincadeira; criança com DT, “fez de conta” que bebia na xícara.
- A limitação da brincadeira simbólica na criança com desenvolvimento típico é esperada em função da pouca idade (15 meses).
- Limitações: sessões não padronizadas quanto à forma de interação do examinador e à ordem de apresentação dos brinquedos; não foram consideradas na análise fatores externos que podem influenciar o comportamento da criança (e.g., frequentar escola ou não).

Referências

- Associação Psiquiátrica Americana (2002). *DSM-IV-TR – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Gamiel, I., Yirmiya, N., & Sigman, M. (2007). The development of young siblings of children with autism from 4 to 54 months. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37, 171–183.
- Naber, F. et al. (2008). Play Behavior and Attachment in Toddlers with Autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 38, 857-866
- Toth, K., Dawson, J., Meltzoff, A. N., Greenson, J., & Fein, D. (2007). Early social, imitation, play, and language abilities of young non-autistic siblings of children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37, 145–157.
- Yin, R. K. (1995). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (D. Grassi, Trans.). (3th. ed.). Porto Alegre, Brasil: Bookman/Artes Médicas. (Original published in 2003)